

A nova era, dos grandes déficits públicos

RÉGIS NESTROWSKI

Especial para O GLOBO

NOVA YORK — No dia do último debate presidencial americano, o déficit público dos Estados Unidos é o principal problema econômico do país e, com isso, do mundo capitalista. Henry Kaufman é Presidente da maior financeira dos Estados Unidos, a Salomon Brothers. Suas previsões acuradas acerca das taxas de juros e comportamento da economia americana lhe deram o apelido de "o mago de Wall Street" e a reputação de ser um dos economistas mais respeitados dos Estados Unidos. Este mês ele depôs no Congresso americano sobre o orçamento do Presidente Reagan para o próximo ano. Esta semana Henry Kaufman deu entrevista exclusiva a O GLOBO no seu escritório de Wall Street.

— O Sr. Divulgou recentemente um relatório sobre o impacto da política econômica dos EUA sobre o resto do mundo. Quais foram suas conclusões?

Henry Kaufman — A economia mundial entrou em uma nova era. Esta etapa é caracterizada por grandes déficits públicos dos governos, uma maior abertura da economia americana e taxas de juros flutuantes. Esses três fatores são essenciais para se entender o resto da economia mundial, seja na França ou no Brasil. O primeiro ponto no caso específico do Governo americano causa uma captação extraordinária de capitais no mundo inteiro. Você só capta algo com um atrativo. Como uma alta taxa de juros. Assim, em poucas palavras temos dinheiro do mundo inteiro financiando o déficit público americano. Em segundo plano temos a abertura da economia dos EUA que significa que produtos do exterior começam a dominar a maior economia do mundo o que causa o protecionismo. Em terceiro lugar as taxas de juros flutuantes permitem a taxa preferencial americana, prime rate, variar mais do que 20 vezes ao ano trazendo instabilidade a economia mundial.

— Neste ângulo como será a solução para o problema do endividamento externo dos países em desenvolvimento?

— Não há uma solução mágica. A maior contribuição que sugiro ao Governo dos Estados Unidos com relação ao problema da dívida externa é continuar com a recuperação da economia americana; impedir que as taxas de juros subam

“ Não acredito em uma nova Bretton Woods. Os Estados Unidos não querem voltar àquela realidade posterior à Segunda Guerra. As soluções estão aqui, porque temos a economia mais forte do mundo. ”

HENRY KAUFMAN, Presidente da Salomon Brothers

se possível, estabelecer um teto —; e a contínua concessão de novos financiamentos por parte dos bancos comerciais bem como de instituições multilaterais como o FMI e o Banco Mundial. Alerta, todavia, para o fato de que o FMI não está cumprindo o seu papel em sua totalidade, já que não tem os fundos necessários. Há uma necessidade imediata de aumento das quotas dos membros necessitados de mais direitos especiais de saques (DES). Além disso, devemos suprimir os gritos da indústria não competitiva para barreiras protecionistas. Mas, principalmente, devemos estender as dívidas para empréstimos a serem pagos a longo prazo.

— Todas as soluções estão nos Estados Unidos?

— Não diria todas, mas a maioria sim. As conferências de cúpula realizadas anualmente pelos sete grandes deixam de ser um centro para se encontrar soluções. Cada país assume uma atitude mais monetarista e defensiva que o outro e nada se resolve. Veja, por exemplo, a força corrosiva do dólar que mata a economia européia. A expansão demasiada do Federal Reserve, o Banco Central americano, na economia dos Estados Unidos.